

GEOGRAFIA E ENSINO: PRÁTICAS EDUCATIVAS AGROECOLÓGICAS NA REDE ESCOLAR¹

GEOGRAPHY AND TEACHING: AGROECOLOGICAL EDUCATIVE PRACTICES IN THE SCHOOL NETWORK

Marcelo Rodrigues Mendonça²

RESUMO: Este artigo resulta de pesquisas coletivas desenvolvidas em diversos projetos por alunos e professores da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, através do Núcleo de Pesquisa Geografia Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/CNPq). Propõe-se a destacar as ações pedagógicas construídas tendo como centralidade a relação entre Geografia e Agroecologia, considerando a necessidade de produzir, organizar e disponibilizar materiais didáticos para a rede escolar. Foi baseado em revisão bibliográfica, mas, fundamentalmente, nas atividades de (in)formação desenvolvidas com estudantes e professores das escolas do campo em Catalão/GO. Foi feita uma parceria entre a Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão e a Secretaria Municipal de Educação de Catalão (SME) para articular a capacitação de jovens residentes no campo em práticas agroecológicas, pois percebeu-se que não era suficiente apenas “ensinar” aos jovens e disponibilizar material didático e pedagógico aos professores. Por fim, destaca-se que a produção do material didático e pedagógico e a maioria das ações desenvolvidas foram norteadas pela compreensão de que campo e cidade são unidades espaciais imbricadas, e tornadas assim pelas relações tecidas no movimento de produção e acumulação do capital e seus desdobramentos espaciais, no caso, no Cerrado goiano mais especificamente. Isso implica em problematizar o modelo de tecnificação da agricultura fundado na degradação do homem e da natureza, denominado como modernização do território, fortalecida com a modernização da agricultura, depois agronegócio e mais recentemente *agrohidronegócio*.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Ensino de Geografia. Práticas agroecológicas. Produção de material didático. Cerrado goiano.

ABSTRACT: This article result of collective research developed in diverse projects for pupils and teachers of the Federal University of Goiás/Campus Catalão, through the Nucleus of Research Geography Work and Social Movements (GETeM/CNPq). It is considered to detach the pedagogic actions built given that centrality the relation between Geography and Agroecology considers to needs to produce, to organize and to offer learning didactic materials for the school network. It was based on bibliographical revision, but fundamentally on the activities of formation developed with students and teachers of the field schools at Catalão/state of Goiás. Was developed a partnership between the Federal University of Goiás/Campus Catalão and the Municipal Board of Education of Catalão, to coordinate the formation of young residents in the field in Agroecological practices, because it perceived that it was not enough only “teach” young and to offer learning didactic materials and pedagogical to the teachers., and Finally, we emphasize that the production of teaching materials and educational and most of the actions taken were guided by the understanding that rural and urban spatial units are interrelated and thus made links created by the movement of production and capital accumulation and its consequences space in the case in Brazilian Savannah more specifically. This involves questioning the technical model of agriculture founded on the degradation of man and nature, known as modernization of the territory, strengthened by the modernization of agriculture, agribusiness and more recently after *agrohydrobusiness*.

KEYWORDS: Geography. Teaching of Geography. Agroecologicals practices. Production of Didactic Material. Brazilian Savannah.

¹ O artigo resulta de diversas atividades desenvolvidas desde 2005 em projetos de pesquisa e de extensão e cultura junto às comunidades camponesas. Parcela das reflexões apresentadas foram construídas coletivamente, por vários pesquisadores, principalmente bolsistas do Programa Bolsas de Licenciatura (PROLICEN).

² Doutorado em Geografia. Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão. Coordenador do Núcleo de Pesquisa Geografia Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM/UFG/CNPq. E-mail: ufgmendonca@gmail.com

Introdução

Este artigo resulta de atividades desenvolvidas no projeto *A produção e organização de material didático para a disciplina geografia no ensino fundamental em Catalão/GO* organizadas por alunos e professores da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão através do Núcleo de Pesquisa Geografia Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/CNPq) que propôs ações pedagógicas tendo como centralidade a relação entre Geografia e Agroecologia, considerando a necessidade de produzir, organizar e disponibilizar materiais didáticos para a rede escolar da microrregião de Catalão/GO.

Resulta também do projeto *Cidadania, trabalho e juventude no campo: formação, qualificação e geração de renda a partir da agroecologia* – Edital MCT/CNPq/CT-AGRONEGÓCIO/MDA - Nº 23/2008 - Programa Interviência Universitária, que desenvolveu atividades pedagógicas que fomentaram reflexões sobre alternativas de atividades produtivas sustentáveis no campo a partir da agroecologia. Essas atividades asseguraram aos jovens que estão no campo capacitação e orientação, a partir de suas realidades, com o intuito de potencializar a formação deles enquanto condição de se tornarem agentes de transformação do sistema agroquímico-industrial para o sistema agroecológico nas comunidades camponesas. Este projeto se iniciou em julho de 2009 e foi finalizado em janeiro de 2011. As atividades foram realizadas em módulos semestrais na Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão e consistiram em oficinas, dias de campo, palestras e acompanhamento nas comunidades camponesas, atendendo aproximadamente cerca de oitenta jovens.

O desenvolvimento desses projetos se deu devido a necessidade e o interesse em identificar os principais problemas encontrados pelos professores e alunos no processo ensino-aprendizagem, no que tange ao material didático utilizado nas aulas de Geografia, principalmente sobre a modernização da agricultura e os efeitos sócio-ambientais nas áreas de Cerrado. Desta forma, a partir das atividades desenvolvidas, como os trabalhos de campo, palestras e oficinas, foram elaborados materiais para uso didático (artigos, audiovisuais, depoimentos, etc.) que após serem testados foram disponibilizados para os professores do ensino fundamental e do médio. Intenção é que os professores tenham materiais didáticos alternativos disponíveis e que possam ser utilizados em suas práticas pedagógicas, diversificando a própria dinâmica das aulas e tecendo novas ações que possam contribuir para o *desvendamento* das contradições produzidas no processo de apropriação dos espaços cerradeiros.

As atividades e ações pedagógicas, como oficinas, exposição de vídeos e filmes, palestras e experiências práticas, como manejo de solo, apicultura, compostagem e artesanato, a partir de princípios da agroecologia, foram desenvolvidas em quatro escolas, das quais três estão situadas no campo – Escola Municipal Maria Bárbara Sucena (Comunidade Cisterna), Escola Municipal Arminda Rosa de Mesquita (Comunidade São Domingos); Escola Municipal Santa Inês (Comunidade Martírios) – e uma no núcleo urbano do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde (Escola Estadual Gilberto Arruda Falcão) e, também, com alguns jovens oriundos do Assentamento Olga Benário (Ipameri/GO).

Através de uma parceria firmada entre a Universidade Federal de Goiás/UFG/CAC e a Secretaria Municipal de Educação de Catalão/SME também foram, juntamente com as outras atividades, desenvolvidas ações para a capacitação de jovens residentes no campo em práticas agroecológicas, pois percebeu-se que não era suficiente apenas ensinar teorias aos jovens e disponibilizar material didático e pedagógico para os professores.

Foram enfrentadas inúmeras dificuldades na realização dessas ações, como por exemplo, o transporte até as escolas, mas compensadas pelo esforço da Equipe Executora. Embora a maioria dos participantes, estudantes e professores não acreditassem que com as situações que iam se apresentando, os projetos pudessem ser executados de forma a se alcançar os objetivos, eles foram executados e a maioria de seus objetivos alcançados.

As soluções foram encontradas, e decidiu-se por elas, coletivamente. Por exemplo, o problema do transporte, quando foi solicitado o apoio a universidade. Numa reflexão coletiva de avaliação, resolveu-se trazer os estudantes à universidade durante quinze dias a cada semestre e ir até as escolas uma vez ao mês com uma equipe multidisciplinar e realizar, conforme foram denominados, dias de campo.

As atividades dos projetos ocorreram por dois anos, tendo como principal objetivo assegurar aos jovens que estão no campo *capacitação e orientação* em sua formação que lhes propiciassem condições de se tornarem agentes de transformação em suas comunidades, e aos educadores uma reflexão qualificada acerca de temáticas e metodologias que permitem uma maior interação com os estudantes no processo de produção do conhecimento geográfico. Embora todas as metodologias sejam amplamente conhecidas, o que se percebeu é que não são colocadas em prática, pois os professores, por vários motivos, preferem, conforme os casos verificados, usar a aula expositiva, baseada no livro didático como procedimento predominante nas ações pedagógicas.

A partir dessa constatação, as ações pedagógicas não poderiam se limitar ao espaço da sala de aula e/ou da escola. Fundado no movimento do real que permeia as vivências experienciadas pelos sujeitos, buscou-se compreender e questionar cada realidade, propondo práticas transformadoras. Assim, a concepção de que os sujeitos são capazes de, estando no mundo, saber-se nele, e, por isso, os que criam a realidade histórica em que vivem, são os mesmos que podem prosseguir transformando-a (FREIRE, 1979).

Desse modo, buscou-se fortalecer o uso de princípios da agroecologia nas comunidades camponesas e conhecer as experiências, que já estavam em curso, de aplicação de princípios agroecológicos na agricultura praticada, como armazenamento de sementes crioulas, produção de alimentos sem agrotóxicos para o autoconsumo e geração de renda através da comercialização direta dos alimentos produzidos pelas próprias famílias camponesas. As práticas agroecológicas, além de essenciais para o meio ambiente e para a saúde humana, podem gerar novas possibilidades de permanência na terra com trabalho e geração de renda. As ações desenvolvidas também visavam a valorização dos *saberes-fazer*s camponeses na lida com terra, água, sementes, plantas, animais, etc., considerando a diversidade cultural e natural do Cerrado.

A compreensão de educação do campo, considerando a necessidade de se assegurar autonomia às escolas, que norteou os projetos é aquela que observa as especificidades na construção de conhecimentos que possuem sentidos para os sujeitos envolvidos, que podem ser aplicados nas ações transformadoras que lhes são necessárias, no caso, para a permanência na terra e para não se ter que aceitar a *imposição* de modelos urbanos, que, na maioria dos casos, incentivam os estudantes a abandonarem a terra e/ou a buscarem, nas áreas urbanas, quase sempre, na proletarianização, melhores condições de vida.

Não se trata de separar campo e cidade como unidades espaciais distintas, mas de compreendê-las a partir das relações tecidas no movimento de produção e acumulação do capital e seus desdobramentos espaciais no Cerrado goiano, problematizando o modelo de tecnificação da agricultura fundado na degradação do homem e da natureza, denominado modernização da agricultura, depois mais apropriadamente, agronegócio e mais recentemente, *agrohidronegócio*.

Assim, também a relação entre universidade, escolas rurais e comunidades camponesas pôde ser fortalecida a partir da troca de experiências e conhecimentos entre os sujeitos envolvidos, professores, alunos, gestores das escolas e camponeses, pautada na relação sujeito-sujeito enquanto relação de aprendizado recíproco, comunhão de saberes, luta e busca por uma sociedade mais justa, pois, como afirma Freire (1979, p.14), “o homem não é uma ilha. É comunicação. Há uma estreita relação entre comunhão e busca”. Essas atividades expressam o compromisso da universidade em praticar ensino, pesquisa, extensão e cultura como indissociáveis. Embora as condições para ampliar *extramuros* o papel da universidade sejam precárias e pouco estimuladoras, pôde-se confirmar, a partir das experiências construídas, que esse compromisso deve ser incentivado e fortalecido.

O ensino de geografia e os desafios nos territórios em disputa: *agrohidronegócio* x práticas camponesas *agroecológicas*

Os efeitos sócio-ambientais (expropriação camponesa que amplia a miséria no campo e nas periferias dos centros urbanos, precarização das relações de trabalho, extinção da fauna e flora, contaminação do solo e da água, etc.) resultantes da (re)produção e da modernização do capital, implantadas nas áreas do Cerrado brasileiro a partir da década de 1970, necessitam de pesquisas capazes de problematizar e *desvelar* as contradições deles constantes e que configuram novos territórios, e em disputa.

A territorialização do *agrohidronegócio* (termo que agrupa o agronegócio propriamente, as agroindústrias e suas demandas à montante e à jusante e que faz uso intensivo de água e das usinas hidrelétricas que acumulam água para produzir energia e/ou para irrigação), que aumenta a produtividade da terra e do trabalho, mas que degrada o meio ambiente, os trabalhadores e os camponeses permitiu a atuação de movimentos sociais que questionam suas motivações e as consequências de suas atividades. Devido a essas circunstâncias e a própria conjuntura da educação do campo são necessárias pesquisas que possam dar visibilidade a esses cenários e aos sujeitos envolvidos na produção social.

Nesse sentido, pesquisas e projetos vêm sendo propostos e desenvolvidos pelo Núcleo de Pesquisa Geografia Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM) da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão (UFG/CAC), indagando sobre a natureza do processo de acumulação no Cerrado brasileiro, corroborada na citação de Mendonça (2007, p. 20) quando ele diz que:

a capacidade metamorfoseante do capital, territorializada no agronegócio, precisamente nas áreas de Cerrado, nas últimas décadas, expressa a necessidade de indagar acerca da natureza desta produtividade e, mais, questionar sobre os efeitos sociais e ambientais decorrentes dessa forma de uso e exploração da terra, da água e dos homens.

Devido ao processo de *modernização conservadora da agricultura*³ nas áreas do Cerrado brasileiro, milhares de famílias têm sido expulsas da terra, migrando para as periferias urbanas ou se deslocando para as áreas de fronteiras e, às vezes, se “refugiando” nas bordas das chapadas e nos fundos de vales, áreas que estão sendo apropriadas total e diretamente pelo *agrohidronegócio*.

Na última década, os fundos de vale vêm sofrendo a construção de dezenas de hidrelétricas que os *afogam* e expropriam milhares de famílias, sem mencionar os prejuízos sócio-ambientais. São exemplos dessa situação a Usina Hidrelétrica Serra do Facão (no Rio São Marcos) na divisa entre Catalão e Davinópolis já em funcionamento e outras em construção. E também as Pequenas Centrais Hidrelétricas de Goiandira e Nova Aurora no Rio Veríssimo, todas num raio de cinquenta quilômetros da área urbana de Catalão.

O uso intenso e sem qualquer controle da água (por pivôs centrais nas chapadas) diminui consideravelmente a vazão dos cursos d'água e a utilização maciça de agrotóxicos contamina solos e águas, atingindo todos aqueles que estão à jusante, portanto, os camponeses, que se territorializaram nas bordas e nos vales, que é a parte que tinha lhes cabido, porque não interessava ao agronegócio, devido o relevo com declividades elevadas. Todavia, recentemente, a construção de usinas hidrelétricas expulsou os pecuaristas tradicionais, ribeirinhos, garimpeiros, trabalhadores e camponeses dos fundos de vale.

³ Conforme Thomaz Júnior (2009, p. 188) “Com o atributo de conservadora entende-se a modernização como algo capaz de conservar inalterado o espectro de desigualdades, sobretudo, a concentração fundiária, não se associando sequer aos princípios das políticas compensatórias distributivistas, como também, extremamente seletiva, tendo em vista que a apropriação não é realizada por todos, mas apenas por uma minoria”.

Tudo isso tem transformado as relações de produção e trabalho, de solidariedade e os *saberes-fazeres*, ou seja, a história social e cultural construída pelos *povos cerradeiros*,⁴ alvos da complexificação, intensificação e precarização do trabalho, diante dos (re)arranjos do capital no Cerrado brasileiro. Além disso, as flores, as cores, os odores, os saberes e os sabores do Cerrado brasileiro (MESQUITA, 2009) são contaminados por esse modelo que, fortalecido pelo Estado, insiste em sua expansão destrutiva.

Estudos desenvolvidos por estudantes e professores dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás têm mostrado as contradições do capital no estado de Goiás e no Sudeste Goiano, de forma particular, que se territorializa através do agronegócio (soja, agroindústria canavieira, eucaliptais), das hidrelétricas e das minero-químicas. Aos interesses do capital agroindustrial, do químico e do financeiro somam-se os capitais barrageiros, minero-químico e os grandes irrigantes, levando à necessidade de pensar e conceituar o *agrohídronegócio*. Assim, iniciam-se discussões e reflexões mais qualificadas acerca da compreensão dos territórios em disputa nas áreas cerradeiras, ainda incipientes, no ensino de Geografia e no das demais disciplinas afins.

Problematicar os efeitos espaciais do *agrohídronegócio* e, ao mesmo tempo, propor atividades que valorizem as *culturas cerradeiras*, fortaleçam as alternativas agroecológicas para as famílias camponesas, reconheçam seus *saberes-fazeres* na lida com a terra, garantindo uma vida com maior dignidade e qualidade no campo, é o desafio posto para as escolas de ensino fundamental e médio de toda a região, mas, principalmente, as do campo, por isso optou-se pelas escolas mencionadas e pelas atividades descritas.

Na pesquisa desenvolvida em 2005/2006 como PROLICEN - *O Cerrado no ensino de geografia em Catalão (GO)*: uma proposta de material didático e pedagógico como complemento do livro didático para o ensino fundamental - Venâncio (2006) apresentou dados que permitiram reflexões mais cuidadosas acerca do ensino de Geografia a partir de ações pedagógicas que enfrentassem o problema.

Nessa pesquisa o interesse era verificar como temas relacionados às transformações espaciais, às ações dos movimentos sociais e a luta pela permanência na terra, pela reforma agrária, pela água, compareciam nos livros didáticos. Como os livros didáticos estabelecem uma sequência de conteúdos que se iniciam pelos aspectos físicos (natureza), tomam os aspectos humanos (sociedade) e, por último, trazem os aspectos econômicos (economia), eles geralmente não permitem inter-relação entre as partes que os constituem e, na devida proporção ou não, os temas afetos à realidade local e regional, não propiciam qualidade na aprendizagem deles.

No caso específico das séries iniciais, pode não haver nem a utilização de livros didáticos além de serem poucos os professores que dispõem, minimamente, das condições efetivas de realizar o ensino de Geografia com qualidade por não possuírem formação adequada. Daí a necessidade, principalmente para essas séries, da produção de material didático-pedagógico com o intuito de amainar o problema colocado. Embora esse não tenha sido o objetivo inicial da pesquisa, constatada a necessidade cumpria satisfazê-la.

Considerava-se inicialmente que o processo de ocupação indiscriminada nas áreas de Cerrado, a ação dos movimentos sociais, os efeitos e os conflitos sócio-ambientais não compareciam nos livros didáticos e/ou também não fossem discutidos pelos professores. Essa possibilidade foi confirmada. O QUADRO 1, mostra os temas aos quais os professores dão ênfase, considerando as questões regionais do Cerrado nas aulas ministradas para os estudantes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental.

⁴ Segundo Mendonça (2007, p. 27) “compreende-se esses povos (indígenas, quilombolas, camponeses, trabalhadores da terra propriamente tradicionais, etc.) como aqueles que historicamente viveram e vivem nas áreas de Cerrado, constituindo formas de uso e exploração da terra a partir das diferenciações naturais-sociais de produção e de trabalho muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas expressões culturais. Entretanto, o que os diferencia, além da perspectiva de se manterem na terra, constituindo modos de ser e de viver, é a ação política na defesa da terra de trabalho e da reforma agrária a partir de diversos elementos, dentre eles a cultura como determinante de ações políticas de raiz revolucionária”.

A pesquisa foi feita com onze professores de Geografia que aceitaram ser entrevistados na rede escolar em Catalão/GO. Observou-se que 49% dos entrevistados usavam livros didáticos nas aulas de Geografia, mas, apenas livros didáticos. Alegaram que não tinham acesso a materiais didáticos que contemplassem as temáticas locais e regionais. Disseram que muitas vezes era necessário eles mesmos produzirem materiais didáticos a partir dos livros, mas como a maioria dos professores trabalhavam em até três escolas, com uma carga horária semanal que variava de 40 a 60 horas aulas semanais, não havia como produzi-los. Assim, é possível dizer que existem inúmeras dificuldades para se trabalhar os assuntos locais e regionais nas escolas.

QUADRO 01 – Temas relacionados com o Cerrado trabalhados na rede escolar em Catalão/GO.

Temas	Nº de professores
Crescimento urbano e econômico	11
Agronegócio/agricultura moderna	11
Agricultura familiar/camponesa	11
Industrialização/urbanização	11
Impactos ambientais	10
Recursos Hídricos (água)	09
Luta pela terra e pela reforma agrária (movimentos sociais)	01
Modelo energético e/ou barragens (conflitos sócio-ambientais)	01

FONTE: VENÂNCIO, M. (Org.), 2005.

Nota: Para que os professores respondessem foi apresentado esse quadro com os temas. Ainda podiam escrever outros que não compareciam, mas eram trabalhados em sala de aula.

No caso de Goiás, e especificamente de Catalão, se, por um lado, o Cerrado vem sofrendo grandes transformações, ultimamente pela construção de barragens, por outro lado verifica-se o aumento crescente da ação dos movimentos sociais. Mas, como o QUADRO 1 demonstra, essas questões são pouco trabalhadas, pois, segundo os professores, não há material didático disponível. Ressaltam ainda que, quando há materiais disponíveis, eles são muitas vezes mal elaborados (não adequados ao nível dos estudantes) e de difícil compreensão. Daí a relevância da produção de materiais didáticos e a disponibilização deles à rede escolar.

Não são apenas esses os problemas. Há outra questão: a ação pedagógica não está descolada da concepção política de mundo construída para “impedir ou fortalecer” temáticas que evidenciam, mais claramente, o movimento do real. Por isso, pode se dizer que há múltiplas realidades e também se deve considerar a relação e os desdobramentos da totalidade do mundo no lugar, as espacialidades e a *força viva* do lugar enquanto materialidade e imaterialidade da existência. Logo, a ação pedagógica pode ser muito influenciada pela visão de mundo do professor.

Muitos dos estudantes e dos professores sofrem os efeitos diretos da ação das monoculturas, detritos das agroindústrias, das mineradoras, dos agrotóxicos e das barragens, mas não compreendem os sentidos e significados, nem as modificações nos seus modos de vida, nem os efeitos sócio-ambientais causados, naturalizando situações que são histórico-sociais.

Dado isso, o ensino de Geografia que não contempla os conflitos, os territórios em disputa, mascara as realidades espaciais e pode, assim, criar um *afastamento entre a realidade e o sujeito* (CALLAI, 1999). Na área de pesquisa, especificamente no Cerrado goiano a ação do capital está produzindo, a passos largos, esse afastamento.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) existem diretrizes que indicam a necessária compreensão das realidades vivenciadas pelos estudantes:

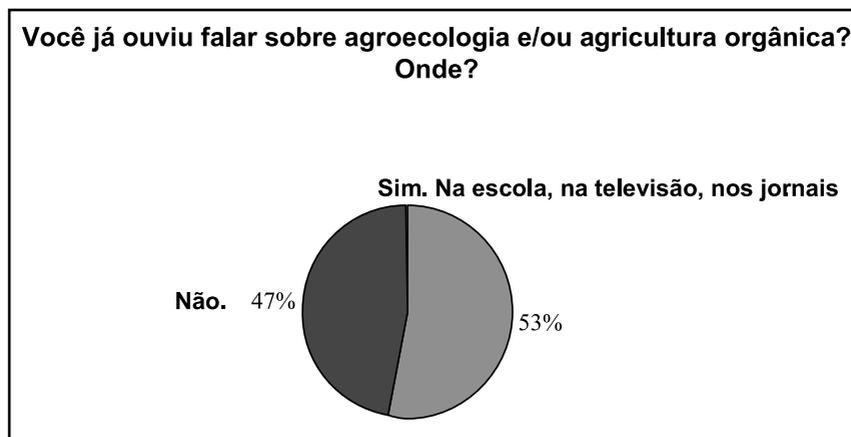
É fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a Geografia faz parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a ajuda do professor, a sua experiência. Para tanto, o estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma interativa. No ensino, professores e alunos poderão procurar entender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos com os quais paisagem, território, lugar e região são construídos (PCNs, 1998, p. 30).

Nessa perspectiva, Callai (1999) diz que é necessário dar condições para o estudante reconhecer-se como um sujeito que tem uma história, que tem um conhecimento prévio e que é capaz de construir o seu conhecimento, ou seja, compreender a sociedade em que vive, a sua história e o espaço por ela produzido como resultado da vida dos homens. A autora diz ainda que ao trabalhar o município no ensino de Geografia faz-se uma opção política que quer fazer com que o aluno se situe no espaço em que vive e que compreenda o processo no qual a sociedade se constrói. Dessa forma, o livro didático, por excelência bloqueia essa realidade, implicando na não formação de sujeitos que possam transformar suas histórias.

Como a maioria dos professores usa apenas o livro didático como recurso didático em suas aulas, o ensino de Geografia não contempla os objetivos colocados pelos PCNs (1998) e também por Callai (1999), o que foi constatado na maioria das escolas pesquisadas.

No que tange à Agroecologia a questão ainda é mais preocupante. Nas atividades com os estudantes, 43% responderam que nunca haviam ouvido falar em Agroecologia e/ou agricultura orgânica (GRAF. 01) e 53% que sim. Em um município onde a Agroecologia se fortalece a cada dia através de ações como cultivo das sementes crioulas, as “pamonhadas”, simpósios sobre as feiras camponesas e diversas outras ações, nas escolas, esse desconhecimento nas escolas se torna incompreensível e até inaceitável.

GRÁFICO 01 – Catalão (GO).



FONTE: pesquisa de campo. fev., 2008. FERREIRA, A. P. M.(Org.), 2008.

O objetivo não é tornar os estudantes especialistas em Agroecologia, mas, sim, estimulá-los a se interessar pelo seu espaço de vivência. Fazê-los descobrir o que é a Agroecologia, onde surgiu, como e por que essa prática se desenvolveu no município e na região, quais as diferenças em relação à agricultura moderna (monoculturas), enfim, são inúmeras as indagações que eles necessitam fazer e cujas respostas precisam ser construídas na relação ensino-aprendizagem. E a partir daí ter-se-ia o conhecimento do processo de transformação socioespacial do município de Catalão nas últimas décadas.

É necessário assegurar formas de manejar os recursos naturais que permitam a reprodução do homem e da natureza, conservando a sociobiodiversidade ecológica e cultural. Sobre a Agroecologia e seu significado, destacamos que resgata a relação simbiótica com o meio sem agredir a sociobiodiversidade, por compreender homem e meio, como *natureza una*. Isso significa outros usos da terra, muitos dos quais já existem há séculos, e, certamente, mais compatíveis com as condições edafoclimáticas e sócio-históricas e geográficas do Bioma Cerrado.

Essa reflexão é fundamental para a Geografia, pois o que está em jogo é a defesa dos *territórios de vida* (camponês, indígena, quilombola, ribeirinho, seringueiro, cerradeiro). A defesa das condições de vida e de relações imbricadas e equilibradas com a natureza é possível a partir da garantia da permanência na e do acesso a terra através de uma reforma agrária que assegure dignidade aos trabalhadores/camponeses e que consiga incorporar os saberes da vida. Assim, deve-se levar em conta as especificidades do solo, do clima, dos recursos hídricos e, principalmente, *os saberes-fazer*, as experiências e vivências dos sujeitos – protagonistas – da mais importante ação política deste país, qual seja, a luta pela terra, pela reforma agrária e pela água, ou seja, a luta pela vida.

Tomada como prática social, a educação tem um papel central para que a compreensão das contradições que marcam a apropriação do *território cerradeiro* pelo capital possa ocasionar ações transformadoras e emancipatórias. Assim, pautadas na relação entre Geografia e Agroecologia, alternativas podem ser construídas no campo, através de metodologias pedagógicas, contrapondo o modelo da agricultura convencional, as formas de uso da terra e da água, implementadas pelo *agrohídronegócio*, em sua maioria, promotoras de impactos sociais e ambientais.

Se desejamos transformar a educação em uma prática de esperança devemos nos atentar para as palavras do mestre Paulo Freire, pois “[...] uma educação sem esperança não é educação [...] e quem não tem esperança na educação dos camponeses deverá procurar trabalho noutro lugar” (FREIRE, 1979, p. 15). Essa foi uma das preocupações que nortearam as práticas pedagógicas desenvolvidas.

Ensinando/aprendendo Geografia nos territórios hegemonzados pelo *agrohídronegócio*

A modernização da agricultura em meados da década de 1970 promoveu alterações significativas, dentre as quais, se destaca o deslocamento de milhares de famílias que viviam no campo para as áreas urbanas. A introdução de inovações biotecnológicas no campo, como máquinas, adubos, fertilizantes, sementes híbridas e venenos, fez com que os agricultores/camponeses se tornassem dependentes do capital e da indústria e, conseqüentemente, alvo fácil das grandes empresas que monopolizam a produção de sementes e demais insumos modernos.

Na agricultura modernizada a produção de alimentos se torna produção de mercadorias e muitos agricultores/camponeses, que antes produziam para o autoconsumo e comercializavam o excedente, perdem seu espaço para as empresas rurais. Neto (1990) reforça a afirmativa quando diz que:

Com este processo de transformação da agricultura, os chamados agricultores [...] – cuja principal determinação da produção é o consumo próprio da família trabalhadora, levando ao mercado apenas o *excedente* da produção – vão dando lugar ao surgimento das empresas rurais, capitalistas, onde as determinações do mercado e a racionalidade do lucro são os condicionantes fundamentais do processo de produção. (NETO, 1990, p. 26).

O agricultor/camponês perde sua autonomia e sua produção é voltada para atender as demandas do mercado. Como o mercado tem pressa de obter lucros cria as condições para elevar a produtividade, o que é alcançado com o uso de fertilizantes, adubos químicos e venenos. Acontece que a produtividade pode até aumentar, mas a qualidade dos alimentos não é a mesma, e ainda,

para ter como comprar todos esses agentes químicos o produtor acaba se endividando e, muitas vezes é obrigado até a vender sua propriedade.

Diante dos efeitos socioambientais causados pela modernização da agricultura, o cultivo das sementes crioulas significa a recuperação da autonomia do camponês e também o resgate da sociobiodiversidade e da cultura das populações locais que estão sendo perdidas com o passar dos anos. As sementes não pertencem à indústria e, sim, ao homem do campo, como antes, quando os cultivos eram feitos de forma agroecológica. Se muitos pensam que a agroecologia é uma coisa nova, enganam-se, não é, com a introdução do capital e da agroindústria no campo é que essas práticas foram sendo induzidas ao esquecimento. Com a modernização, a transformação da agricultura foi tão intensa e agressiva que agora a agroecologia ressurgiu como alternativa de dias melhores para o trabalhador camponês, bem como para os consumidores, preocupados com uma alimentação mais saudável.

Outra consequência da modernização da agricultura é o intenso uso de venenos os mais diversos nas plantações, denominados agrotóxicos e, para aqueles, que apostam no modelo monocultor agroquímico de “defensivos agrícolas”. O uso inadequado de agrotóxicos tem causado a morte de milhares de trabalhadores do campo por envenenamento. Essas substâncias significam um perigo para quem as manuseia e, também, para quem consome alimentos envenenados.

Segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos em Defesa Agrícola (Sindag) e Centro de Informação Toxicológicas (CIT), em matéria divulgada no “Jornal O Popular”, 23 de agosto de 2011, em Goiás, entre o período de 2004 a 2008 ocorreu o aumento do consumo de agrotóxicos em 42,2%, passando de 39.334 para 55.960 toneladas, sendo a soja, a cultura que apresentou maior consumo, 45% do total dos agrotóxicos. No mesmo período a produção agrícola aumentou apenas 14,9% e a área cultivada sofreu a redução de 2%, entretanto, ocorreu o aumento das contaminações dos trabalhadores que passou de 147 para 195 pessoas.

De acordo com Moreira et al. (2003), 70% dos casos de contaminação ocorrem nos países periféricos, dada a precariedade com que o uso desses agentes é imposta, sem maiores esclarecimentos e orientação de uso, pois não há a preocupação com o agricultor e com o trabalhador e, sim, com o aumento da produtividade.

Há os que defendem o uso dessas substâncias com a desculpa de que apenas são nocivos se aplicados de forma incorreta e em doses elevadas. Mas como saber se quem utiliza esses venenos, com a finalidade de obter mais lucros, se preocupa com isso e, se realmente, sabem como manuseá-los sem prejudicar a saúde dos homens e dos outros seres vivos do ambiente.

Sabe-se que esses agentes químicos são *empurrados* a esses produtores com o único objetivo de aumentar a produção e, conseqüentemente, os lucros, e que não há, na maioria das vezes, orientação alguma com respeito ao manuseio e às doses adequadas. Mas o problema não é apenas para os trabalhadores que aplicam os venenos, mas também para o solo, a água, a flora, a fauna e, principalmente, para os consumidores. Nas andanças pelo campo, é comum encontrarmos produtores pulverizando suas plantações e ou similares e quando questionados sobre a possível contaminação dizem: “isso é pra vender”, como se aqueles alimentos não fossem ser ingeridos por alguém. Essa é a lógica do capital, que contraria a lógica da vida.

Geografia e ação: as metodologias desenvolvidas

O Estado dispensa pouca atenção ao ensino público e gratuito em Catalão/GO, conforme o faz na maioria das escolas públicas brasileiras. Contudo, a educação em Catalão apresenta alguns elementos que asseguram pequenas, mas importantes diferenças, destacando-se entre eles, a presença da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão - desde meados da década de 1980 com cursos de Licenciatura e Bacharelado (Geografia, História, Pedagogia, Matemática, Educação Física e Letras) e outros que já formaram um número expressivo de profissionais.

Após atendida a demanda da formação inicial, há de se considerar a presença da universidade como propulsora de conhecimentos que auxiliem na compreensão das questões sociais (aí incluídas as educacionais e as culturais) através da constante atualização dos profissionais, via formação continuada e, precisamente, apoiando a elaboração e a sistematização de materiais didáticos com o intuito de melhorar as reflexões no espaço da sala de aula.

Esse processo é compreendido como mecanismo indispensável para a *inclusão social* e ação consciente dos sujeitos na realidade concreta em que vivem. A realidade do campo brasileiro, particularmente nas áreas do Cerrado, com a expansão da (re)produção do capital, através do agronegócio, necessita de uma compreensão crítica dos antagonismos que ela representa. Diante da territorialização do *agrohidronegócio* no Cerrado goiano e, em específico, no Sudeste de Goiás, o ensino de Geografia nas escolas pode contribuir para o entendimento do que vem ocorrendo no campo. Assim, a elaboração e a disponibilização de materiais didáticos alternativos, assim como as novas práticas metodológicas voltadas para o ensino, podem colaborar, *desvendando* as contradições que eivam os *territórios cerradeiros*.

Desta forma, a elaboração e a organização de materiais didáticos e as oficinas, as palestras e os trabalhos de campo realizados nas escolas permitiram a reflexão e o conhecimento das mudanças espaciais que resultam da modernização da agricultura, mas, também, propor alternativas, como as práticas agroecológicas, valorizando as experiências e os saberes camponeses.

Nas escolas, foram desenvolvidos diversos minicursos, como: confecção de colares, bijuterias de papel e PET, plantas com propriedades inseticidas e herbicidas, aproveitamento integral dos alimentos, artesanato com bolsas e fuxicos, compostagem, etc. Além dos minicursos, foram ministradas palestras que trataram de temas como modernização da agricultura, Bioma Cerrado, legislação ambiental, utilização de recursos naturais e Agroecologia.

Os minicursos e oficinas são propostas práticas que podem ser desenvolvidas pelos professores nas escolas e também pelas famílias que vivem nas comunidades. Além do significado pedagógico, as atividades foram conduzidas buscando utilizar técnicas sustentáveis de produção e, também, capazes de gerar renda. O intuito é incentivar as famílias camponesas a praticarem ações, como o artesanato e o uso de produtos orgânicos que, além de garantirem e contribuírem para uma maior organização das comunidades, desperte mais a consciência ecológica nas pessoas que as compõem, restabelecendo uma relação mais saudável com o meio ambiente e em consonância com as reais necessidades humanas.

Uma das principais intenções foi fomentar a formação dos jovens enquanto agentes políticos em suas comunidades e instigar suas potencialidades. Dessa forma, através de minicursos, a equipe desenvolveu atividades com o propósito de possibilitar reflexões mais críticas acerca da Agroecologia e das questões que se relacionam com esta temática, para uma conscientização ecológica e sustentável, mostrando que é possível produzir e gerar renda sem agredir o meio ambiente.

As palestras, minicursos e as atividades de campo (recuperação de nascentes degradadas, cultivo de hortaliças orgânicas, construção de minhocários, recuperação de áreas de preservação permanentes, etc.) proporcionaram uma interação entre a universidade, professores, alunos e as próprias famílias, pais e mães dos alunos, que participaram de algumas atividades desenvolvidas nas escolas. Ainda, foram selecionados e apresentados diversos vídeos (curtas, reportagens, entrevistas, etc.) e documentários que abordam temas como modernização da agricultura, uso de agrotóxicos, contaminação dos alimentos e riscos para a saúde, alimentos orgânicos, questão agrária, reforma agrária, movimentos sociais, sementes crioulas, entre outros.

A proposta básica objetivava articular a aquisição de novos conhecimentos pelos jovens envolvidos e a permanência deles no campo por meio da aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em suas propriedades rurais, fortalecendo a geração de trabalho e a renda a partir de uma produção sustentável. Além disso, buscava-se informá-los acerca dos cursos de graduação existentes na UFG/Campus Catalão, Universidade Estadual de Goiás/Ipameri e de nível técnico no Instituto Federal Goiano/Urutaí, a fim de ajudá-los em suas escolhas profissionais.

Todas as atividades desenvolvidas foram planejadas e acompanhadas por professores, técnicos das escolas, pais e mães. As atividades foram registradas (fotografias e filmagens) como subsídios para a produção de mais material didático a ser disponibilizado às escolas. Esse material audiovisual foi gravado em DVDs e entregue para as escolas, conforme os temas que podem ser trabalhados na sala de aula com os alunos por estarem deslocadas da realidade vivenciada pelos alunos e suas famílias. São famílias que presenciam o processo de modernização da agricultura, a expropriação camponesa e a luta pela terra ou para permanecer nela e, diante, das pressões do *agrohídronegócio*, algumas praticam alternativas como a Agroecologia.

Descreve-se apenas um, a título de exemplo, dos tantos que foram realizados: “Tema: agrotóxicos e saúde”. Dado trabalho aborda assuntos como: intoxicação dos agricultores, do solo e da população que consome alimentos contaminados com agrotóxicos, os riscos para a saúde e as doenças resultantes do uso de agrotóxicos e a contaminação dos homens e do meio ambiente. Algumas reportagens foram apresentadas:

- *Veneno invisível*: transmitido pela TV Paraná – denuncia o uso excessivo de agrotóxicos clorados nas lavouras do Paraná que gera intoxicação dos camponeses e trabalhadores.
- Reportagem da TV Gazeta – relata as diferenças de preços entre os produtos orgânicos e os químicos e de modos de produção.
- Jornal Hoje da TV Globo – mostra a intoxicação do leite materno no município de Lucas de Rio Verde/MT.

Tanto a realização de oficinas, minicursos e palestras quanto a organização e disponibilização de vídeos nas escolas são propostas que visam a utilização de outros procedimentos teórico-metodológicos que não a simples aula expositiva no processo ensino-aprendizagem e a prática da transversalidade na aquisição do conhecimento. Os temas discutidos possibilitam a elaboração e a execução de projetos coletivos, principalmente nas escolas que se localizam nas comunidades camponesas, mas também para serem postos em prática pela comunidade.

Através de todas as atividades descritas que foram colocadas em prática nas escolas, mostrou-se a importância do ensino de Geografia, comprometido com a compreensão das tramas tecidas no processo de apropriação do espaço e na produção dos territórios. Com os materiais didáticos e pedagógicos disponíveis para os professores nas escolas, a reflexão em sala de aula pode ser mais qualificada, proporcionando novas fontes de conhecimento sem perder de vista a materialidade e a imaterialidade dos territórios em disputa.

Considerações finais

Enquanto milhares de homens e mulheres lutam pela terra e para permanecer na terra, a territorialização do capital nas áreas do Cerrado brasileiro nas últimas décadas, através do *agrohídronegócio*, acentuou os problemas e os conflitos sócio-ambientais no campo e na cidade, porque expropria camponeses, desmata, contamina os solos e a água, envenena animais, assoreia e/ou faz barramentos nos rios afogando nascentes, matas ciliares, veredas, etc. Diante desse cenário, o fortalecimento das práticas agroecológicas se apresenta como uma alternativa que busca a valorização da vida e das culturas cerradeiras e também, expressa formas de *(Re)Existência* dos Povos Cerradeiros.

O *agrohídronegócio* é insustentável, expropriador e destrutivo da sociobiodiversidade, pois se baseia na racionalidade do capital (técnica e científica) que está fundada na busca crescente da mercadorização da vida. Por isso, é cada vez mais urgente repensar esse modelo e propor alternativas, baseadas na diversificação da produção e em práticas baseadas na Agroecologia. É preciso valorizar as experiências da agricultura camponesa, o que significa reconhecer e conservar

os ecossistemas, as culturas e os conhecimentos, pensando na autonomia dos povos, comunidades e na soberania alimentar.

Nesse sentido, a universidade e os movimentos sociais (Movimento camponês popular, Movimento dos trabalhadores rurais sem-terras e Movimento dos atingidos por barragens), considerando a necessidade de fortalecer a perspectiva política, econômica, cultural e sócio-ambiental realizaram entre os dias oito e dez de julho de 2011 a *Feira e festa de sementes, mudas e raças crioulas em defesa da biodiversidade* e o *Seminário biodiversidade e sementes crioulas* na Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. O evento reuniu cerca de 2.000 participantes, entre lideranças políticas, integrantes de movimentos sociais, estudantes, pesquisadores, professores, camponeses, quilombolas, pescadores, indígenas, etc., de diversos estados do Brasil e de outros países como África do Sul, Haiti e Moçambique. Propiciou a troca de experiências e saberes e questionou o modelo predatório do *agrohídronegócio*, contribuindo, significativamente, para dar visibilidade à importância das práticas agroecológicas, do uso de sementes crioulas e da valorização dos *saberes-fazeres* camponeses.

Através de pesquisas e projetos é possível contribuir para *desvelar* as contradições do *agrohídronegócio* no Cerrado brasileiro e demonstrar a importância da agricultura camponesa e das práticas agroecológicas, mascaradas pelos discursos estereotipados, pois mais da metade dos produtos da cesta básica brasileira são produzidos em unidades familiares/camponesas.

Enquanto os empresários rurais, altamente capitalizados concentram terras e renda, camponeses expropriados engrossam as fileiras dos sem-terra, sem trabalho, sem vida digna. Insiste-se: o modelo do *agrohídronegócio* é insustentável. É preciso pensar e colocar em prática alternativas sustentáveis, considerando a sociobiodiversidade, as culturas e todas as formas de vida do Cerrado.

O que pode contrapor-se ao modelo do *agrohídronegócio* implantado no Cerrado brasileiro são as práticas das famílias camponesas que continuam na terra (*Re*)*Existindo* e inventando, reinventando e conservando práticas capazes de garantir a permanência na terra com dignidade como alternativa ao excludente e injusto modelo impetrado pelo capital. As experiências desenvolvidas pelos camponeses contribuem para a valorização dos próprios *saberes-fazeres* que permeiam as culturas desses sujeitos e da sociobiodiversidade do Bioma Cerrado. São jovens, homens e mulheres, crianças e velhos que continuam na terra ou estão lutando por ela. É preciso reconhecer que no território se materializam ações contraditórias e exploratórias, mas também possibilidades transformadoras. Diante disso, também é necessária uma educação de qualidade no campo, pautada no movimento e nas dimensões espaço-temporais de cada realidade.

A Geografia propicia uma compreensão profunda do processo de apropriação, dominação do espaço e produção dos territórios, por isso, pode ajudar a *desvendar* a natureza contraditória da modernização nas áreas de Cerrado e apontar alternativas. Uma das formas de assegurar que esse debate ocorra no espaço escolar é através de material didático adequado, palestras, oficinas e trabalhos de campo.

Finalmente, as transformações espaciais nas áreas de Cerrado devem ser também compreendidas a partir da relação Geografia e Agroecologia, (*des*)*construindo* os discursos hegemônicos que circulam pela grande mídia e pouco contribuem para a compreensão crítica das contradições que envolvem o processo de territorialização do capital nas áreas de Cerrado através do *agrohídronegócio*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. de. (Org.) *Tantos Cerrados*. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

BARBOSA, A. S. *Andarilhos da clareza: os primeiros habitantes do Cerrado*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás: Instituto Trópico do Subúmido, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BIZERRIL, M. X. A. O Cerrado nos livros didáticos de Geografia e Ciências. *Jornal Ciência Hoje*, abr. 2003.

_____. FARIA, D. S. A escola e a conservação do Cerrado: uma análise no ensino fundamental do Distrito Federal. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 10, jan/jun. 2003, p. 19-30.

CALLAI, H. C. O estudo do município ou a Geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANI, A. C. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: AGB/Seção Porto Alegre, 1999. v. 1 p. 75-80.

CARVALHO, H. M. (Org.). *Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade*. São Paulo: Expressão popular, 2003.

FERNANDES, B. M. *Questão agrária, pesquisa e MST*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. O livro paradidático em sala de aula: do planejamento ao uso. In: CASTROGIOVANI, A. C. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: AGB/Seção Porto Alegre, 1999. v. 1 p. 149-151.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Livro didático contribui para uma imagem distorcida do Cerrado*. nov. de 2005.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Informações diversas*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

GRAZIANO NETO, F. *A questão agrária e ecológica*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Vãos).

GOODLAND, R. J. A.; FERRI, M. G. *Ecologia do cerrado*. Tradução de E. Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

GUTERRES, I. (Org.). *Agroecologia militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2006.

JORNAL O POPULAR. *Aumento no uso e agrotóxicos preocupa os goianos*. Cidades, 23 ago. 2011.

MARTINS, J de. S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDONÇA, M, R. *A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano*. 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

_____. *Bioenergia e viabilidade da produção de alimentos: para quem? Tendências e Debates. Revista Formação*, v. 2 n.15, p.189-226, 2008.

_____. O agronegócio nas áreas de Cerrado: impasses, preocupações e tendências. 2007. In: *II Forum de C&T no Cerrado*. Impactos econômicos, sociais e ambientais no cultivo da cana de açúcar no território goiano. Goiânia/GO, 05 de Out. de 2007.

MESQUITA, H, A de. *Onde estão as flores, as cores, os odores, os saberes e os sabores do Cerrado brasileiro? O agro/hidronegócio comeu!* Terra Livre, São Paulo, v.2, n.33, p. 17-30, 2009.

MOREIRA, J. C. *et al*. Avaliação integrada do impacto do uso de agrotóxicos sobre a saúde humana em uma comunidade agrícola de Nova Friburgo, RJ. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v7n2/10249.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2010.

OLIVEIRA, A. U. *A agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. *Revista Terra Livre*, n. 21, p. 113-156, jul./dez. 2003.

_____. Os mitos sobre o agronegócio no Brasil. *Revista Sem Terra*, Ano VI, n. 24, mai/jun. 2004.

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

THOMAZ JÚNIOR, A. *Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI: limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos*. São Paulo: 2009. v. 1. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/LD/_htm/f2.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.

_____. Trabalho mutante e territórios em disputa. *Revista Pegada*, Presidente Prudente, v.8, n.1, p. 1-46, 2007.

_____. Desafios teóricos para a Geografia do trabalho no século XXI. 2009. In: THOMAZ JÚNIOR, A.; FRANÇA JÚNIOR, L. B. (Org.). *Geografia do trabalho no século XXI*. Presidente Prudente: Centelha, 2009.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VENANCIO, M; MENDONÇA, M. R. As implicações socioambientais na construção de barragens nas áreas de Cerrado: o caso do AHE Serra do Facão no Sudeste Goiano. In: I Semana de Geografia do Campus de Catalão, 2003, Catalão. *Anais...* Campus de Catalão, Universidade Federal de Goiás.

_____. Discutindo a problemática das barragens nas áreas de Cerrado: o caso do AHE Serra do Facão no Sudeste Goiano. In: V Jornada de Geografia, 2003, Jataí. *Anais...* Campus de Jataí, Universidade Federal de Goiás.

VLACH, V. R. F. *Geografia em construção*. Belo Horizonte: Lê, 1991.

Recebido em: 17 de outubro de 2011.
Aprovado em: 20 de dezembro de 2011.